

## UMA PERSPECTIVA EMPODERADORA: UM OLHAR SOBRE AS OBRAS DE FREIRE E RANCIÈRE

AN EMPOWERING PERSPECTIVE: A LOOK AT THE WORKS OF FREIRE AND RANCIÈRE

Isabela Vieira Barbosa\*  
Jessica Reinert dos Santos\*\*  
Antonio José Muller\*\*\*

### RESUMO:

Esse artigo pretende discutir as similaridades entre o pensamento de Rancière encontrado em sua obra *O mestre ignorante* (2002) e em obras de Paulo Freire (2002; 1987; 1967), com o enfoque na relação entre professores e alunos e o empoderamento que a educação pode trazer para suas vidas. Rancière aborda o mito da pedagogia, que mais tarde será versado como causa do princípio do embrutecimento. Reforçando a importância de ir além dos conhecimentos do professor e dar aos alunos poder para encontrar suas próprias vontades, Rancière se aproxima dos pensamentos de Freire ao acreditar na educação como um processo que deve buscar a libertação e o pensamento crítico. Aproximando os dois autores, percebemos que o diálogo e a troca são os meios necessários para buscar a qualidade na educação e no aprendizado. Partindo do ponto de vista de Freire e Rancière, entendemos a educação como um processo de capacitação do estudante com relação à criticidade e reflexividade sobre aspectos que atravessam sua vida cotidiana e escolar. Só então, com base no empoderamento, podemos acreditar que a escola estará fazendo a sua parte educando cidadãos que podem reflexivo-criticamente compreender os diferentes contextos sociais, suas singularidades e homogeneidades.

**PALAVRAS-CHAVE:** Paulo Freire. Rancière. Educação. Empoderamento. Filosofia.

### ABSTRACT:

This article intends to discuss the similarities between Rancière's thought found in his work *The Master Ignorant* (2002) and Paulo Freire's works (2002, 1987, 1967), with the focus on the relationship between teachers and students and the empowerment that education can bring to their lives. Rancière approaches the myth of pedagogy, which later will be versed as the cause of the principle of brutalization. Reinforcing the importance of going beyond the teacher's knowledge and giving students the power to find their own wills, Rancière approaches Freire's thoughts by believing in education as a process that must seek liberation and critical thinking. Approaching the two authors, we realize that dialogue and exchange are the necessary means to seek quality in education and learning. Starting from the point of view of Freire and Rancière, we understand education as a process of student empowerment with respect to criticality and reflexivity on aspects that cross their daily and school life. Only then, based on empowerment, can we believe that the school will be doing its part by educating

---

\* Mestrado em Educação pela Universidade Regional de Blumenau. Pós-Graduação em Educação Infantil e Desenvolvimento pela Universidade Cândido Mendes e especialização em Gestão Educacional pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci. Graduação em Administração pela UNIASSSELVI e em Pedagogia pela Universidade do Vale do Itajaí. E-mail: [miss.vieira@gmail.com](mailto:miss.vieira@gmail.com).

\*\* Mestrado em Educação pela Universidade Regional de Blumenau. Graduada em Letras pela FURB. E-mail: [jereinertfurb@gmail.com](mailto:jereinertfurb@gmail.com).

\*\*\* Doutorado em Educação pela The University of Texas at El Paso (2004). Professor titular da FURB (Universidade Regional de Blumenau) no Programa de Pós Graduação em Educação e Departamento de Educação Física. E-mail: [antoniomuller2@hotmail.com](mailto:antoniomuller2@hotmail.com).

citizens who can critically reflect and understand the different social contexts, their singularities and homogeneities.

KEYWORDS: Paulo Freire. Rancière. Education. Empowerment. Philosophy.

## INTRODUÇÃO

Ao abordarmos o pensamento freiriano, mais do que buscar respostas ou “metodologias” prontas para serem aplicadas no dia a dia escolar, encontramos questionamentos que instigam o pensamento crítico e despertam o aluno e professor para uma educação libertadora. Liberdade aqui compreendida indo além do que traz o dicionário, “Faculdade de cada um se decidir ou agir segundo a própria determinação” (FERREIRA, 2008, p. 515), mas em uma conotação filosófica, faculdade daquele que se liberta, sendo ator de sua história e não testemunha passiva do que acontece ao seu redor.

Pensando no poder que a educação representa para Freire, evocamos também outro autor que discute a importância que a relação professor e aluno, aliada à educação, é capaz de representar na vida do sujeito. Rancière, em sua obra *O mestre ignorante*, discute justamente a capacidade que a educação tem de empoderar os alunos além do ambiente escolar.

Unindo tais pensadores, o objetivo deste trabalho não é apenas fazer uma releitura dos dois autores, mas antes de tudo, discutir a importância da educação em seu contexto social, pois acreditamos, conforme Rancière (2002) e Freire (2002; 1987; 1967), que não existem culturas inferiores nem superiores, mas que cada uma é única e importante diante de sua realidade histórico-social. Como ambos os autores abordam em suas respectivas obras, cada sujeito é influenciado pelo seu local de origem. Por isso, o *mito pedagógico*, muito citado por Rancière, aproxima-se do conceito de educação bancária de Freire, ao acreditar que a educação pode ser apenas ensinada por um professor, sendo este o detentor de todas as verdades e saberes absolutos que devem ser adquiridos pelos alunos. Em contrapartida a esse pensamento, lançamos nossos olhares à educação como libertadora, como provida da responsabilidade de fazer com que o aluno enxergue e compreenda o meio a sua volta, tornando-se crítico e reflexivo das ações que o cerca.

Nosso artigo se inicia apresentando a metodologia utilizada para a construção deste escrito, partindo, em seguida, para as aproximações que se estabelecem entre aquilo que fora dito por Rancière e Freire nas obras escolhidas como alvo de estudo neste artigo. Resolvemos estruturar nosso trabalho em somente uma seção de análise, pois o diálogo entre as teorias se faz constante e indissolúvel, uma vez que um conceito se liga a outro e vai sendo retomado

com o transcorrer das palavras. Para finalizar, trazemos nossas conclusões acerca do estudo desenvolvido e as referências utilizadas no decorrer do artigo.

## **O OLHAR METODOLÓGICO**

Este trabalho foi um estudo bibliográfico que, a partir de uma apreciação sobre os pensamentos de Paulo Freire encontrados nas obras *Pedagogia da autonomia* (2002), *Pedagogia do oprimido* (1987) e *Educação como prática de liberdade* (1967) e na obra *O mestre ignorante* (2002) de Jacques Rancière, analisa a relação estabelecida por esses autores nas obras supracitadas com a importância do desenvolvimento de um pensamento crítico e libertador nos alunos, uma vez que o sujeito livre, nas palavras de Freire (1987), é aquele não assujeitado pelo mundo a sua volta, mas aquele protagonista de sua própria história. Rancière (2002) define o empoderamento como sendo parte constitutiva da educação, desde que esta seja despertada nos alunos e não apenas a eles transferida.

## **OS OLHARES DE FREIRE E RANCIÈRE**

Pelo olhar freiriano, é impossível dissociar educação e libertação. Além disso, para Freire, é inexequível que essa libertação ocorra através de um professor, seja ele dominador ou bem-intencionado, pois "ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão" (FREIRE, 1987, p. 29), em trocas, em contato direto com o outro.

Dessa forma, entendemos que a função do educador não é libertar desvairadamente o aluno para o mundo no qual está inserido, tampouco transferir integralmente seus conhecimentos, desmerecendo aquilo que o estudante já sabe anteriormente. A função do professor-educador é despertar nesse aluno o pensamento crítico do mundo a sua volta, fazendo-o se identificar como sujeito histórico inserido em um contexto social, e reflexivo sobre sua prática e sobre os acontecimentos à volta. O aluno deve-se compreender como um sujeito ativo e transformador do seu contexto social, sendo suas atitudes críticas para transformar, não críticas no seu sentido estrito, mas embasadas naquilo que ele vê, vive e experiencia no contexto que o rodeia.

Freire defende “uma pedagogia que elimina pela raiz as relações autoritárias, onde não há ‘escola’ nem ‘professor’” (FREIRE, 1967, p. 26, grifos do autor), onde existam sujeitos comprometidos com ensinar e aprender, não no conceito comumente utilizado, mas de forma

a buscar no mundo ao seu redor uma *práxis* voltada para a criticidade e reflexividade. Sujeitos sociais, politizados e conscientes.

Um movimento comum na educação volta-se aos discursos progressistas que prezam e valorizam os métodos como a principal preocupação da educação, no lugar da própria educação, "essa grande preocupação dos metodistas e dos progressistas — se torna um progresso no embrutecimento." (RANCIÈRE, 2002, p. 21). O embrutecer não é um processo de abandonar ou de negar ao aluno o aprendizado e a educação, é um processo de embrutecê-lo através da negação de sua vontade, do desenvolvimento do seu pensamento crítico e reflexivo sobre o seu lugar no mundo. Por isso, o autor define também que "há embrutecimento quando uma inteligência é subordinada a outra inteligência" (RANCIÈRE, 2002, p. 25), pois não há trocas, mas sim imposições sociais.

Rancière ao abordar como a educação costumava ser à época de Jacotot, datada no século XVII, personagem de sua história na obra *O mestre ignorante*, fala que "ensinar era, em um mesmo movimento, transmitir conhecimentos e formar os espíritos, levando-os, segundo uma progressão ordenada, do simples ao complexo" (RANCIÈRE, 2002, p. 17). Infelizmente, vemos que tal pensamento presente na obra publicada pela primeira vez em 1987 prepondera até os dias de hoje no ensino básico e superior na educação que nos é apresentada na atualidade.

Esse pensamento de transferência de conhecimentos, quando o professor, ou mestre, é dono de todos os saberes e que alunos são aprendizes, folhas em branco prontas para serem preenchidas por aquele que possui os conhecimentos, aproxima-se da visão de Freire (1987), quando, ao definir educação bancária, ressalta que "em lugar de comunicar-se, o educador faz 'comunicados' e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem." (FREIRE, 1987, p. 33, grifo do autor). Assim, a criticidade e a argumentação não se tornam alvo de desenvolvimento em sala de aula, pois não se objetiva a reflexividade, mas sim, o silêncio e a obediência.

Dessa forma, Rancière (2002) tenta afastar as visões de professores embrutecedores, aqueles que levam adiante a visão bancária de educação, daqueles que são libertadores. Primeiramente, ele afasta o pensamento de embrutecedor da visão negativa que temos de um professor. O embrutecedor não se aproxima da visão grosseira ou intolerante, muito pelo contrário, Rancière ressalta que muitas vezes esse professor embrutecedor será justamente o oposto, gentil e sábio. Para isso, ele define que os embrutecedores, são mestres explicadores e que "o explicador é aquele que impõe e abole a distância, que a desdobra e que a reabsorve no

seio de sua palavra” (RANCIÈRE, 2002, p. 18). Destaca, também, que aos mestres que buscam uma ordem libertadora através da educação, a transferência de conhecimentos é o caminho inverso: o caminho do embrutecimento, levando alunos e professores a se afastarem, não só do conhecimento em si, mas da própria missão da educação, a libertação.

Para isso, faz-se necessário que o mestre saiba “reconhecer a distância entre a matéria ensinada e o sujeito a instruir, a distância também entre *aprender* e *compreender*” (RANCIÈRE, 2002, p. 18, grifo do autor). Esses dois movimentos, aprender e compreender, são diferentes, mas se interligam quando tratamos de uma aprendizagem significativa. O mestre libertador será aquele que além de não buscar a transferência de conhecimentos para o aluno, reconhece a necessidade de trazer para o sujeito a contextualização do conteúdo, respeitando o contexto histórico-social onde cada um está inserido, bem como as diferenças que o constituem enquanto sujeito.

Assim, Rancière define que “antes de ser o ato do pedagogo, a explicação é o *mito da pedagogia*, a parábola de um mundo dividido em espíritos sábios e espíritos ignorantes, espíritos maduros e imaturos, capazes e incapazes, inteligentes e bobos” (RANCIÈRE, 2002, p. 20, grifo nosso). Mito este que exerce apenas a função de construir divisões entre grupos superiores e inferiores, muros invisíveis, mas, ao mesmo tempo, concretos aos alunos que são fragmentados entre aqueles que sabem e não sabem, entre os capazes e incapazes. Freire (1987) discute tal pensamento de forma a explicar que as divisões entre superiores e inferiores não passa de uma opressão, sendo os oprimidos levados a crer na sua inferioridade perante aos opressores, levando-os muitas vezes até a almejem ser opressores daqueles que os oprimiram, e não se libertar, mas continuar em um ciclo vicioso de relações de poder. “De tanto ouvirem de si mesmos que são incapazes, que não sabem nada, que não podem saber, que são enfermos, indolentes, que não produzem em virtude de tudo isto, terminam por se convencer de sua ‘incapacidade’” (FREIRE, 1987, p. 28), incapacidade de aprender, de ser, de agir. Incapacidade de acreditar em si e se compreender como um sujeito que pode, e deve ter voz ativa nas relações sociais de que participa.

O mito pedagógico “divide o mundo em dois. Mas, deve-se dizer, mais precisamente, que ele divide a inteligência em duas [...], uma inteligência inferior e uma inteligência superior” (RANCIÈRE, 2002, p. 20). Compreendemos, então, a inteligência inferior como aquela que acomete os menos capacitados, menos favoráveis para o ato de aprender. Já a inteligência superior encontra-se naqueles mais propensos a aprender, com mais “capacidades” e oportunidades de aprender.

Entretanto, os autores conjecturam que não há inteligências superiores e inferiores. Todos os sujeitos têm possibilidades de aprender, independentemente de suas condições econômicas, sociais e culturais. O mito pedagógico é uma forma de subjugar culturas minoritárias, para que elas se vejam, e sejam vistas, de forma inferiorizada, podendo assim a cultura dominante oprimir e prevalecer socialmente. "O antidiálogo se impõe ao opressor, na situação objetiva de opressão, para, pela conquista, oprimir mais, não só economicamente, mas culturalmente, roubando ao oprimido conquistado sua palavra também, sua expressividade, sua cultura." (FREIRE, 1987, p. 78). A palavra daquele que é oprimido atinge pouco alcance por sua inferioridade. Cala-se frente àquele que oprime. Silencia. Aceita. Não há diálogo que se estabeleça entre opressores e oprimidos. Aqueles estabelecem uma hegemonia nas ações, nas práticas, nas práxis; estes obedecem aquilo que lhes é imposto, não refletem, não criticizam, não pensam.

O embrutecedor, por vezes, pode ser confundido com o "mestre obtuso que entope a cabeça de seus alunos de conhecimentos indigestos", ou ainda alguma espécie de ser maligno que domina e manipula os alunos para manter seu poder e a ordem social. Na verdade, é justamente o oposto, pois "exatamente por ser culto, esclarecido e de boa-fé que ele é mais eficaz" (RANCIÈRE, 2002, p. 20), sendo na crença de tentar ajudar, de tentar facilitar os caminhos do aluno, que ele, o professor embrutecedor, talha suas escolhas. Freire (2002) complementa ao dizer que "o educador que 'castra' a curiosidade do educando em nome da eficácia da memorização mecânica do ensino dos conteúdos, tolhe a liberdade do educando, a sua capacidade de aventurar-se. Não forma, domestica" (FREIRE, 2002, p.63, grifo do autor).

Assim, o educando não tem desenvolvida sua capacidade de argumentar, de pensar, de questionar, apenas é submetido a um processo de memorização mecanizado no qual deve alcançar os objetivos propostos pelo professor, sendo esse conhecimento esquecido com o tempo em razão da não efetiva aprendizagem. Nesse movimento mecânico ao qual o aluno é submetido, sua liberdade e curiosidade vão-se esvaindo.

Se o caminho da explicação é o caminho do embrutecimento, deve-se então buscar a emancipação (RANCIÈRE, 2002) ou a libertação (FREIRE, 1987). "Chamar-se-á emancipação à diferença conhecida e mantida entre as duas relações, o ato de uma inteligência que não obedece senão a ela mesma, ainda que a vontade obedeça a uma outra vontade" (RANCIÈRE, 2002, p.26), a importância pelo respeito às inteligências, as autonomias desenvolvidas pelo aluno e professor.

A chave da emancipação libertadora está em não ser sujeitada ou não se sujeitar a outra, pois a diferença para o embrutecimento é que, ao se tornar embrutecedora, ela irá associar “uma inteligência a uma outra inteligência. No ato de ensinar e de aprender, há duas vontades e duas inteligências. Chamar-se-á embrutecimento à sua coincidência” (RANCIÈRE, 2002, p. 25), ou seja, segmentar as capacidades e habilidades dos alunos em mundos distintos, rotulando aqueles que conseguem e os que não conseguem aprender, uma vez que "enquanto vivam a dualidade na qual ser é parecer e parecer é parecer com o opressor, é impossível fazê-lo" (FREIRE, 1987, p.17).

O objetivo da teoria da libertação de Freire (1987) é opor-se ao pensamento do opressor, muitas vezes disfarçado na personalidade do professor embrutecedor. O objetivo não é levar o aluno por um caminho já traçado pelo educador, mas sim oportunizar àquele a descoberta de novos rumos que serão percorridos com seus próprios passos em um trajeto antes nunca explorado; torná-lo agente de seu aprendizado, de suas buscas, de seus interesses, torná-lo emancipado e emancipador.

Por isso, acreditamos que a educação como forma de empoderamento social não é “um método para instruir o povo, mas da graça a ser anunciada aos pobres” (RANCIÈRE, 2002, p. 30), é dar-lhes consciência de que são capazes, de que suas inteligências são reconhecidas, são importantes para a transformação do meio social no qual se inserem, para criticizarem suas realidades, para transformarem seus mundos sociais, culturais e cognitivos. Assim, os fracos e oprimidos têm a oportunidade de valorizar suas palavras, instituindo a estas o sentido de suas verdades, de suas realidades, de suas culturas, afinal, “[...] todos os homens têm igual inteligência” (RANCIÈRE, 2002, p. 30), igual direito, igual verdade, igual realidade. Não há motivo para compreender os sujeitos com maior ou menor inteligência.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Durante esta caminhada em algumas das obras de Rancière e Freire, percebemos uma intensa preocupação com o outro e sua relação com o meio social. Cabe ao professor estabelecer um ambiente de aprendizagem em que as inteligências apresentadas pelos alunos não sejam rotuladas como melhores e piores, inferiores e superiores. Ao professor, é necessário exercer o papel de educador no qual eleva a multiculturalidade dentro do ambiente escolar, que incita o caminhar pelas pernas dos próprios estudantes, que os leva a acreditar na sua capacidade de ser, aprender e agir.

Com este trabalho, percebemos a importância da educação como ferramenta de empoderamento social na perspectiva de Paulo Freire e Jacques Rancière. Ao abordarmos o professor libertador, torna-se necessário constatar a importância da postura crítico-reflexiva do professor para que ele possa ser o condutor desse crescimento pessoal do aluno. Alimentar o aluno de informações, prepará-lo para a vida através de caminhos já trilhados pelo mestre, não o liberta, apenas o embrutece para a realidade a sua volta, torna-o passivo frente aos questionamentos e situações enfrentadas no cotidiano. Não o abre ao mundo, mas o fecha para o espírito de criticidade e inovação que o meio requer. O professor, então, é o guia do aluno no caminho das pedras que o leva à aprendizagem; nunca o soberano, detentor de todos os saberes, mas aquele que está disposto a instruir seu aluno a alcançar seus objetivos, aguçar sua curiosidade, sua criticidade, sua vontade de aprender.

A educação deve ser compreendida, por alunos e professores, como espaço de interação, troca e partilha dos saberes acumulados durante a vida. O estudante, em seu pouco caminhar, já possui experiências que podem ser agregadas aos conteúdos explorados em sala, por vezes não conhecidos ainda pelo professor. O educador, com sua longa caminhada, agrega aos alunos algo que eles ainda não tiveram a oportunidade de vivenciar e podem, através do diálogo, aprender com aquilo que já fora vivido pelo professor, a fim de prepará-lo para o que espera na vida fora dos muros da escola. É nessa perspectiva da reciprocidade que ambos podem tornar a educação mais agradável, construtiva e significativa, pois edifica o saber a partir de vivências concretas, contextualizadas e localizadas em determinado tempo e espaço.

O caminho para a libertação educadora, não é a soma dos conhecimentos, olhar quantitativo sobre maior ou menor inteligência, melhor ou pior; mas, sim, é o despertar para uma visão crítica do mundo a sua volta. É a tomada de consciência do seu papel como ator social, com voz ativa, como um ser histórico-cultural inserido em um contexto específico que compreende o sujeito como transformador da prática, do meio e dos modos socialmente instaurados, como aquele que tem o poder de mudar sua realidade.

O caminho da libertação de Freire (1987) combina com o da emancipação de Rancière (2002) ao apontar a educação como forma de abjugar o sujeito. Essa emancipação ocorre através da educação em um contexto histórico-social onde se estabelecem relações dialógicas entre os sujeitos, compreendendo, assim, a necessidade do pensamento crítico-reflexivo que respeite as diferenças encontradas na sociedade, dando à educação uma conotação heterogênea, sendo valorizadas as diferenças, a diversidade, a multiculturalidade.

No decorrer de nosso estudo, percebemos que o diálogo é uma palavra-chave nos pensamentos de ambos os autores e que, a partir do diálogo estabelecido entre o professor e aluno, dá-se o primeiro passo à concepção de educação como libertadora, com vistas ao aluno e seu conhecimento prévio, ao olhar para o estudante compreendendo o todo de sua individualidade, suas singularidades, mas que, integrada ao todo, se torna parte indissociável do coletivo que se forma *na* escola e que forma *a* escola em processos interlocutivos constantes com o meio social.

Ao levarmos a educação para uma perspectiva tradicionalista homogeneizadora, tiramos a oportunidade de explorar as diferenças, crescer e aprender com elas. Transformamos a possibilidade de emancipação em uma teoria inalcançável na qual sujeitos se tornam objetificados por uma ordem explicadora, que produzirá sujeitos embrutecedores, não estabelecendo a relação com o outro, mas criando seres individuais que irão reproduzir práxis individualistas, não compreendendo a importância do próximo na sua constituição enquanto sujeito, aluno e, até mesmo, professor.

A partir das leituras realizadas dos autores que foram propostos neste estudo, abrimos nosso horizonte para desenvolver uma educação dialógica em três dimensões: eu-eu, eu-tu, eu-mundo. Sem essa tríade, nos tornamos egoístas no que concerne à partilha do saber, ao descobrir, ao pesquisar, ao compreender. Temos que nos conceber enquanto sujeitos e ter consciência de nossas particularidades, sem esquecer que estamos em um mundo envolto de valorações e outros sujeitos, e que sem a reciprocidade no diálogo, não há transformação do conhecimento, da prática, do meio social.

Somos seres em constante movimento buscando por uma educação que acompanhe essas novas dinâmicas sociais que surgem no diálogo, na experiência, na vida vivida em conjunto. É nessa cinesia social que encontramos o empoderamento: como prática de cunho intrinsecamente social que possibilita ao sujeito imerso em um ambiente perpassado por valorações, crenças e relações de poder, escolher traçar seus caminhos livre das pressões que possam surgir. Um sujeito livre para ir e vir, devagar em seus próprios pensamentos e, principalmente, pensar, ser, crer, agir e se abrir para um mundo de experiências.

## REFERÊNCIAS

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio**: o minidicionário da língua portuguesa. 7. ed. Curitiba: Positivo, 2008.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante**: cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.